

Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus

From the catacomb to the basilica: how the mother of Jesus became the mother of God

ALCURI, L. C. C. V. *Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus*. Vitória: Milfontes, 2022. 316p.

Esdra Erlacher*

Recebido em: 15/02/2024
Aprovado em: 11/03/2024

A obra *Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus*, publicada em 2022, fruto da tese de doutorado de Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri,¹ conserva lugar de destaque na literatura sobre o percurso histórico do marianismo, uma devoção popular situada, inicialmente, às margens da Grande Igreja, mas que se converte, na Antiguidade Tardia, em uma importante manifestação da fé cristã. Lançando mão de um conjunto diversificado de fontes, dentre as quais textuais, epigráficas e imagéticas, a autora reconstitui com precisão e ousadia o percurso do culto mariano, demonstrando que a sua origem foi complexa e não se limitou à associação com deusas pagãs.

No que diz respeito à estrutura da obra aqui resenhada, esta é dividida em quatro capítulos. No primeiro deles, denominado *Maria como "mãe de Jesus": as primeiras representações de Maria e as disputas sobre o nascimento e a humanidade do Messias (séc. I-II)*, a autora examina as primeiras representações acerca de Maria, utilizando documentos, datados entre os séculos I e II, que fazem menção a essa figura, em especial os escritos do Novo Testamento e o *Proto Evangelho de Tiago*. Além disso, Alcuri

* Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Mestra e graduada em História pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES).

¹ Ludmila Caliman Campos Vinha Alcuri é professora da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli), coordenadora e pesquisadora do Laboratório de Cultura, Representação e Imagem em Estudo (CRIE/Faceli), colaboradora nacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir) e pesquisadora associada do Instituto de Pesquisa Arqueológica e Etnográfica Addam Orsich (IPAE).

(2022) destaca as transformações no modo como Maria é representada nos escritos da Patrística do século II.

Conforme Alcuri (2022) argumenta, no Novo Testamento, a mãe de Jesus é uma personagem sem grande relevância. No Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito, Maria é citada apenas uma única vez e como forma de demonstrar a natureza humana de Jesus. Nos Evangelhos de Mateus e Lucas, que tiveram como fonte o de Marcos, a figura da mãe de Jesus ganha um pouco mais de destaque, na medida em que o nascimento do Messias é narrado com maior detalhe. Maria torna-se, então, uma espécie de ícone do milagre de um nascimento virginal. No entanto, o enfoque em Maria serve apenas para evidenciar a natureza e a identidade de Jesus.

Dentre esses documentos que recontam a vida e os feitos de Jesus, aquele em que há uma espécie de exaltação, ainda que incipiente, à figura de Maria é o *Proto-Evangelho de Tiago*, de autoria desconhecida, que se propõe a recontar a vida da mãe de Jesus antes de seu nascimento até a concepção do Messias. A grande defesa do texto é a de Maria como uma menina santa, desde a infância, e pura, dada a conservação de sua virgindade antes e mesmo pós-parto de Jesus. No entanto, a exaltação do nascimento milagroso do Messias e da condição virginal de sua mãe serviu para provar a divindade do próprio Jesus, uma vez que um ser divino não poderia vir de uma mulher que não fosse virgem, pura e santificada, bem como para combater alguns cristãos que defendiam que Jesus não havia se materializado sob a forma humana. Desse modo, Maria, mesmo apresentada como uma pessoa admirável, ainda não é vista como um ser sagrado. Por isso, o *Proto-Evangelho de Tiago* não deve ser considerado o precursor do culto mariano, tampouco o criador da ideia de Maria como mãe de Deus, embora tenha contribuído, especialmente a partir de meados do século III, para cancelar a glorificação a Maria.

No final do primeiro capítulo, Alcuri (2022) analisa ainda a figura de três autores cristãos que inovaram nas representações acerca de Maria. O primeiro deles é Justino, o Mártir, que fez o paralelo, de forma inédita, Maria-Eva, sendo a mãe de Jesus a “nova Eva”, peça-chave no plano de salvação da humanidade, já que desfez o pecado da primeira mulher da história do mundo. Décadas depois, Irineu de Lião, em *Contra as heresias*, desenvolve ideia parecida, ao argumentar que a harmonia desfeita por Adão e Eva foi restabelecida por Jesus e Maria. Assim, enquanto a desobediência de Eva causou ruína, a obediência de Maria resultou na salvação do homem. O terceiro autor cristão apresentado é Tertuliano, preocupado em demonstrar a humanidade de Jesus, que seria comprovada pela maternidade de Maria.

Já no capítulo seguinte, intitulado *Hibridismo e piedade pessoal: a construção da devoção mariana entre os cristãos de fronteira (séc. III-IV)*, a autora se ocupa em investigar

as primeiras práticas de hibridismo cultural no cristianismo, em especial a indumentária e a decoração de ambientes ditos pagãos, bem como as formas de culto mais elementares, com a confecção dos primeiros ícones de piedade entre os filocristãos. Alcuri (2022), a partir da análise de afrescos e de documentação textual, do século III, como a produzida por Clemente de Alexandria e Tertuliano, demonstra que a estética, as roupas, os adornos e a decoração das casas eram fundamentais para a manutenção do *status quo* da aristocracia romana, mesmo quando os seus membros se convertiam ao cristianismo. Isso porque os gostos decorativos e a indumentária eram uma forma de expressar riqueza, poder e de revelar os valores dos indivíduos, numa sociedade, como a romana, em que o *status* social era indicado não somente pela posição ocupada pelos seus membros, mas pelo estilo de vida que levavam e pelos aspectos exteriores que apresentavam. Assim, embora esse modo de viver fosse desdenhado pelos bispos, com seus ideais ascéticos, por acreditarem que os ornamentos indicavam uma conduta pagã e um sinal de não adesão, sobretudo por parte das mulheres, às regras cristãs, as fontes demonstram que os adeptos e simpatizantes do paleocristianismo mantiveram indumentárias e objetos decorativos comuns aos adotados em sua vida pagã passada. Outra prática encontrada nesses cristãos conversos era a produção e veneração de ícones. Conforme a autora salienta, esses veneradores de ícones praticavam concomitantemente um culto privado híbrido e um culto público ortodoxo. Muitos filocristãos participavam também de celebrações públicas pagãs, próprias da religiosidade imperial. Desse modo, a posição limítrofe que ocupavam estes cristãos conversos, entre o paganismo e o cristianismo, possibilitou que o próprio cristianismo pudesse ser modificado quanto à sua forma cultural e doutrinal.

A autora destaca ainda as principais deusas-mães e virgens do paganismo, no intuito de examinar os novos modelos de culto cristão, que serão fundamentais para se compreender a gênese da piedade mariana empreendida pelos filocristãos. As representações de *Méter* (mãe) e *Parthénos* (virgem) dentre as deidades femininas do mundo greco-romano e oriental antigo são aspectos fundamentais de suas funções divinas, assim como encontramos em Maria. A autora apresenta cinco deidades femininas da Antiguidade que também são representadas como *Méter* e *Parthénos*, a saber: Ártemis, Deméter, Ísis, Cibele e Ishtar, partindo da ideia de que o culto a Maria não se formou tendo por base a hibridização de uma única deidade pagã, mas sim de diversas deusas, advindas das diferentes culturas e panteões.

A seguir, Alcuri (2022) examina as fontes que apresentam as primeiras manifestações da piedade mariana, expressas nas pinturas da catacumba de Priscila (séc. III), no alto-relevo do sarcófago de Adelfia (séc. IV) e no coliridianismo (séc. IV). A documentação, segundo apresenta a autora, indica uma devoção a Maria como mãe de Jesus, em uma

forma hibridizada com outras deidades pagãs, o que teria influenciado o estabelecimento do cristianismo de fronteira. Conforme a autora destaca, até o século II, não foram pintadas, bordadas ou esculpidas imagens de Jesus ou de sua mãe. Essa arte começa a se desenvolver no início do terceiro século, em especial nos contextos funerários, modificando toda uma prática religiosa. Os artistas, fossem cristãos ou não, buscaram inspiração para suas esculturas ou pinturas na tradição greco-romana e isso fez com que as confluências entre Maria e outras deidades da Antiguidade fossem cada vez mais frequentes, tanto na iconografia, quanto nas formas de culto. Assim, as representações de Maria tornaram-se fruto de uma piedade visual própria de um cristianismo de fronteira. Desse modo, a imagem pintada ganhou elevada admiração, de modo que a piedade visual se tornou parte da vida devocional do cristão. É bem verdade que Maria aparece na arte funerária para legitimar a figura do salvador como parte de sua história, no entanto, a interpretação de sua figura pelos devotos dá propulsão, sobretudo no século IV, à adoração e glorificação da mãe de Jesus.

Nesse ínterim, Alcuri (2022) discute ainda como essas comunidades cristãs acabaram construindo identidades fluidas, em um contexto de negociação com práticas pagãs, no sentido de que as identidades pagãs não eram abandonadas, mas ressignificadas sob os ditames cristãos. As construções estéticas cristãs, conforme analisado pela autora anteriormente, tinham inspiração na cultura visual pagã, o que também influenciou os devotos em sua veneração aos ícones. A crescente confecção de imagens deu-se ainda pela necessidade daqueles novos convertidos, que saíam do paganismo, de manter práticas de veneração. É isto que abre portas para o que Alcuri (2022) denomina de “devoção de fronteira”. O culto mariano, por exemplo, é enquadrado nessa categoria de “devoção de fronteira”, pois, segundo a autora argumenta, alguns cristãos de fronteira, conversos tanto do paganismo quanto do judaísmo, substituíram seus antigos ícones por Maria.

No terceiro capítulo, cujo título é *Sacralidade e domesticação: Maria como ícone de piedade monástica e eclesiástica em Alexandria (séc. III-IV)*, Alcuri (2022) realiza um exame das primeiras manifestações da piedade mariana na *ekklésia* cristã ortodoxa em Alexandria, pioneira nesse tipo de devoção. Para tanto, a autora analisa quatro papiros filocristãos, a saber *Rylands III 470*, *Maldição de Jacó*, *Berlim 8324* e *Rylands 103*, que apresentam as primeiras formas de piedade mariana na cidade. No primeiro destes documentos, Maria é invocada a fim de remediar os sofrimentos do devoto, o que indica a sua representação como intercessora, além de ser qualificada como única, casta e bendita, três atributos que salvaguardariam a Maria a condição de *Theotókos* e *Parthénos*. No segundo papiro, Maria se destaca por sua função de intercessora junto ao fiel, de modo a solucionar um problema de saúde. A mãe de Jesus, invocada por sua condição de mãe do Messias, e o

próprio Messias são apresentados como entidades espirituais, cada qual com seus poderes próprios. Já no terceiro papiro, Maria é acionada visando à cura de doenças ou alívio de sintomas aos devotos, ou seja, ela é tomada como uma divindade que proporcionaria o tratamento de certas enfermidades. No quarto papiro, Maria também é acionada e é representada ainda como mãe daquele que a invocou, ou seja, do fiel, o qual visava, ao que tudo indica, a atrair bênçãos para si. A piedade encontrada nos papiros já revela o tom híbrido do culto cristão em Alexandria, que já exaltava Maria sob uma forma muito próxima à devoção a Ísis, sendo possível perceber que a piedade mariana estava envolta em diversas referências à deusa nilótica.

Ainda nesse capítulo, a autora discorre sobre o pensamento de três autores cristãos alexandrinos que deram ênfase à figura de Maria, chancelando, de certa forma, práticas devocionais já existentes: Clemente, Orígenes e Atanásio. Tais personagens deram um novo tom, segundo afirma Alcuri (2022), às reflexões do século IV ao reiterar a ideia de Maria como a Nova Eva, ao construir o ideal da mãe de Jesus como *Theotókos* e virgem pós nascimento do Messias, ao reforçar Maria como modelo de castidade e ao estabelecer uma comemoração litúrgica em sua honra.

A seguir, Alcuri (2022), à luz de diversas fontes do século IV, narra como a devoção mariana foi construída em consonância com a piedade às virgens e aos mártires, sendo expandida para além das fronteiras alexandrinas. Conforme destaca a autora, o asceta e o mártir passarão a deter o mesmo capital simbólico que Maria, aos quais será atribuída toda uma sorte de milagres e prodígios. A importância da figura destas personagens, cujas virtudes deveriam ser integradas à vida cristã, cresce conforme mais indivíduos se convertem do paganismo ao cristianismo. Muitos desses conversos são doutrinados a partir do relato de vida dos mártires e das virgens ascetas, uma vez que a fé só se manteria viva caso estas histórias fossem rememoradas. O martírio e a castidade, então, configuram novas formas de culto, sendo que a figura de Maria é idealizada como modelo de conduta da virgem asceta. Desse modo, a devoção e a glorificação à memória e aos poderes de Maria, agregadas aos relatos de mártires e ascetas, trouxeram à tona o ascetismo como movimento e a constituição do ideal de *Parthénos*.

Ao final do terceiro capítulo, a autora busca compreender de que forma a representação de Maria foi apropriada por bispos, monges, virgens e matronas, com base na *imitatio*, e, depois, como sua figura foi domesticada e difundida na forma de culto e devoção pelas diversas *ekklésias*. Nesse sentido, Alcuri (2022) demonstra como os bispos origenistas, em especial, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e Gregório, o Taumaturgo, tiveram papel fundamental levando o culto mariano para além das fronteiras de Alexandria, transformando Maria em figura sacralizada. Ao mesmo tempo, a autora explica como o

ascetismo e as ondas de martírio permitiram que as virgens-mártires, incluindo Maria, ganhassem destaque na *ekklésia* nicena, sendo veneradas, imitadas e transformadas em modelos de piedade. Maria, no entanto, se destacou entre essas figuras, sendo atribuída a ela a condição de intercessora. Por isso, é possível afirmar que o culto mariano, embora tenha se institucionalizado apenas com o Concílio de Éfeso, começa quando representantes da *ekklésia* alexandrina elevam Maria ao papel de intercessora privilegiada.

Por fim, no capítulo quarto, intitulado *Disputas por espaços de poder: a institucionalização do culto a Maria pelo Concílio de Éfeso e a edificação da Basílica de Santa Maria Maggiore (séc. V)*, Alcuri (2022) defende o argumento de que o culto mariano foi institucionalizado no século V, a partir do Concílio de Éfeso e da edificação da basílica de Santa Maria Maggiore. Para tanto, a autora inicia sua argumentação examinando como determinados autores cristãos do quinto século abordaram a figura de Maria, dentre eles Proclo de Constantinopla, Teódoto de Ancira e Célio Sedúlio. Tais hierarcas, no intuito de criar uma nova cristologia associada aos primeiros festejos marianos, acabaram impulsionando a domesticação do culto a Maria como *Theotókos*.

No entanto, a autora destaca que foi Nestório de Constantinopla o principal expoente do Concílio de Éfeso, no qual a importância da figura de Maria junto à *ekklésia* nicena foi confirmada. O bispo de Constantinopla defendia a tese, em linhas gerais, de que Jesus de Nazaré não podia ser Deus, seria, tão somente, um homem em que Deus habitava, e, portanto, Maria não poderia ser a mãe de Deus (*Theotókos*), mas sim mãe de Jesus (*Christotokos*). Para o bispo, o nascimento de Jesus não tinha então um caráter divino. Nesse sentido, era errôneo celebrar Maria sob o título de *Theotókos*. Por conta disso, Nestório esvazia completamente a importância devocional conferida a Maria, num contexto de expansão da domesticação do culto mariano. Por seu discurso contundente, o bispo não deixa de ser censurado, tendo como principal opositor Cirilo de Alexandria.

A seguir, Alcuri (2022) discute, então, a posição do bispo de Alexandria, segundo o qual Maria havia colaborado com o Espírito Santo, ao colocar sua condição virginal a serviço de Deus. Para tal autor, *Theotókos* seria um veículo essencial para a vinda do Messias e para o plano de salvação da humanidade. Portanto, enquanto Nestório buscou desconstruir a imagem de Maria, Cirilo procurou consolidar a figura dela como mãe de Deus. Conforme a autora demonstra, é essa controvérsia entre os bispos de Alexandria e Constantinopla que irrompe no Concílio de Éfeso, em 431, cujo saldo final foi a consolidação do culto mariano, que já era praticado desde o século III, ainda que incipiente, o que só foi possível graças ao apoio do bispo de Roma, Celestino, a Cirilo de Alexandria. Além disso, o Concílio foi marcado por cenas de júbilos demonstradas por inúmeros devotos de Maria, o que demonstra que havia um ímpeto social pela elevação

do marianismo, a fim de que o culto mariano se estabelecesse de forma legítima e sem nenhum cerceamento. Por fim, Alcuri (2022) analisa a construção da basílica de Santa Maria Maggiore como peça fundamental na institucionalização do culto mariano, por servir aos bispos como instrumento para o exercício do poder institucional.

Concluimos esta resenha afirmando que a obra cumpre um importante papel na historiografia sobre o marianismo, pois, por sua originalidade, a obra se diferencia de outros estudos sobre a devoção a Maria, tais como os efetuados por autores como Jaroslav Pelikan (1923), Rosemary Radford Ruether (1977), Michael P. Carroll (1986), Luigi Gambero (1999), Miri Rubin (2009), dentre outros. Dessa forma, convidamos o leitor que se interessar pelo percurso histórico do fenômeno do marianismo a consultar as páginas do livro *Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus*.

Referências

- ALCURI, L. C. C. V. *Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus*. Vitória: Milfontes, 2022.
- CARROLL, M. *The cult of the Virgin Mary: psychological origins*. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- GAMBERO, L. *Mary and the Fathers of the Church: the Blessed Virgin Mary in patristic thought*. San Francisco: Ignatius Press, 1999.
- PELIKAN, J. *Mary through the centuries: her place in the History of Church*. Yale: Yale University Press, 1923.
- RUBIN, M. *Mother of God: A history of the Virgin Mary*. Yale: Yale University Press, 2009.
- RUETHER, R. R. *Mary: The feminine face of the Church*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.